JOÃO BATISTA LIBANIO: FORMADOR E ASSESSOR DAS CEBs

Pe. José Oscar Beozzo¹

Quando o jovem jesuíta mineiro, João Batista Libanio, vindo de Frankfurt-am-Main, na Alemanha, onde cursara seus estudos teológicos, chegou a Roma, em 1963, estava assumindo a difícil tarefa de substituir, na orientação pedagógica dos estudantes de teologia do Colégio Pio Brasileiro, o brilhantismo e a competência do seu antecessor, Pe. Marcelo Azevedo SJ.

Tivemos, então, nosso primeiro encontro, num fraterno entrecruzar de caminhos, não interrompido, ao longo dos quarenta anos que se seguiram.

Neste tempo, não cessei de acompanhar as lides do Libanio e sua trajetória intelectual e pastoral. A admiração por sua pessoa e seus trabalhos não parou de crescer.

“Repetidor de estudos” era o nome prosaico que se dava à função de acompanhar, como grupo e individualmente, os estudantes de filosofia e teologia do Pio Brasileiro que freqüentavam a Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.

Nos anos anteriores, enquanto Pe. Marcelo cuidava dos teólogos, o então Pe. Luciano Mendes de Almeida, hoje arcebispo de Mariana MG, que preparava seu doutorado em filosofia sobre Emmanuel Levinas, ocupava-se dos filósofos.

Pe. Libanio chegou ao Colégio Pio Brasileiro no mês de agosto, num momento excepcional da vida da Igreja. A 3 de junho de 1963 falecera o “papa buono”, João XXIII, lançando incertezas sobre o destino do Concílio Vaticano II, que ele havia convocado a 25 de janeiro de 1959; aberto, solenemente, a 11 de outubro de 1962 e encerrado sua primeira sessão, já gravemente enfermo a 8 de dezembro de 1962, poucos meses antes de seu falecimento.

A 30 de junho de 1963 assumira a Sé de Pedro, Montini, com o declarado propósito de dar continuidade ao Concílio, e de levar a bom termo a obra maior do seu antecessor. Sua primeira encíclica, a *Ecclesiam Suam*, apontava a Igreja como o núcleo central da agenda conciliar e colocava seu pontificado sob o signo do diálogo: diálogo ao interior da Igreja, mas principalmente diálogo com os homens de hoje, fossem ou não católicos, fossem ou não cristãos ou até mesmo adversários do nome cristão, além do diálogo com as ciências, a técnica e as artes, ou seja, com o mundo moderno. Com propriedade, Peter Hebblethwaite, um dos principais biógrafos de João Batista Montini, intuiu a centralidade desta dimensão, ao colocar como título da sua biografia do Papa: “Paul VI, the first modern Pope”, “Paulo VI, o primeiro papa moderno”².

Pode-se dizer que Libanio deixou-se impregnar, em sua posterior trajetória, tanto pelas linhas mestras do Concílio, que continuam guiando toda sua reflexão teológica, quanto pela perspectiva dialogante de Paulo VI em relação ao mundo moderno.

Libanio tornou-se um incansável estudioso da modernidade e dos seus desafios para a inteligência da fé, nos dias de hoje³. Sua marca, entretanto, é a atenção que dedica igualmente com generosidade ao reverso da face brilhante da modernidade científica e tecnológica: o cortejo de desigualdades e exclusões, pobreza e violência que afetam as maiorias populares e que a caracteriza nos países da periferia do sistema econômico mundial.

Dentre os muitos aspectos de sua rica e complexa personalidade e de sua multiforme atividade, vou deter-me em apenas dois, o do formador e o do assessor teológico das CEBs e das pastorais populares.

---

¹Texto escrito em 12 de maio de 2002 e revisto em julho de 2022.

² HEBBLETHWAITE Peter, *Paul VI, the first modern Pope*. London: Fount – Harper Collins, 1993.

³ Cfr. LIBANIO, João Batista. *Igreja contemporânea. Encontro com a Modernidade*. São Paulo, Loyola, 2000.

Paulo, em sua carta à comunidade de Corinto, exclamava em momento de desabafo e por que não, de mal contida ira, que os coríntios poderiam ter dez mil pedagogos em Cristo, mas não muitos pais. Concluía, então, com uma ponta de orgulho, convidando-os a serem seus imitadores, “porque fui eu quem gerou vocês em Jesus Cristo, através do Evangelho” (I Cor. 4, 15).

Professores existem muitos, bons e maus. Capazes, porém, de fazer discípulos são muito poucos. Mais raros ainda aqueles que tocam o mais íntimo das pessoas, fazendo-as de um certo modo “nascerem de novo”, mudarem de rumo e direção, podendo, por isto mesmo, reivindicar uma certa paternidade espiritual e intelectual em relação aos seus discípulos.

Não posso dizer que esta qualidade única já transparecesse nos primeiros passos da atuação de Libanio no Pio Brasileiro, quando fui um dos seus orientandos nos meses finais de minha estadia em Roma. O certo é que seu estilo era outro em relação ao Pe. Marcelo e já deixava transparecer sua inteligência privilegiada, as bases sólidas de sua formação humana, teológica e cultural, onde despontavam as qualidades do educador nato que não cessou de aprimorar.

Foi certamente no acompanhamento da Pastoral da Juventude em Minas Gerais e no seu ensino teológico na PUC do Rio e no ISI de Belo Horizonte que Libanio soube legar sua marca intelectual e espiritual aos estudantes, fazendo florescer vocações teológicas da qualidade de um Faustino Teixeira, o Dudu, ou de uma Maria Clara Bingemer, com quem escreveu em parceria o volume III/10 da coleção Teologia e Libertação: “Escatologia cristã”.

Na festa dos seus setenta anos, a homenagem mais carinhosa foi talvez a da “tropa”, rapazes e moças que, na década de 70, cruzaram com Libanio na Pastoral da Juventude e que continuaram fieis ao mestre e aos seus ensinamentos e amizade, reunindo-se regularmente, uma vez ao ano, para um retiro, agora já acompanhados pelos filhos e primeiros netos.

Outras figuras conquistaram, no passado, esta capacidade de formar um discipulado intelectual e espiritual aqui no Brasil, a mais importante de todas tendo sido, sem dúvida, a do Pe. Leonel Franca SJ, primeiro reitor da recém fundada universidade católica do Rio de Janeiro. Para ele, iam sendo encaminhados pelo Cardeal Dom Sebastião Leme, os que batiam às portas da Igreja na sua busca inquieta ou para um retorno, como Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Sobral Pinto, Gustavo Corção.

Numa esfera semelhante, Dom Martinho Michler do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro suscitou vocações e criou discipulado.

A herança de Leonel Franca, foi recolhida em parte pelo Pe. Henrique de Lima Vaz S.J., na sua relação com os jucistas e os primeiros militantes da AP, na virada da década de 50 para a de 60, até que o golpe militar e forças conservadoras na Igreja pusessem fim ao aceso e promissor debate político e social, cultural e religioso daqueles anos.

Os dominicanos, com Frei Carlos Josaphat, do Convento das Perdizes em São Paulo, fundador do jornal Brasil Urgente e Frei Cardonnel do Convento do Leme no Rio de Janeiro ensaiaram uma trajetória semelhante, brutalmente interrompida pela repressão eclesial e política desencadeada pelo golpe militar de 1964 e pelo exílio de ambos.

Ao determo-nos na figura de Libanio, como formador, sua qualidade primeira, é a de apreender, com visão de conjunto e sem estreitezas, o tema a ser abordado. Prima ainda pela clareza nos conceitos, ordem na exposição, lógica apurada na argumentação e muita didática para atrair o interesse dos ouvintes. Não lhe falta igualmente a chispa inteligente no articular o que está sendo estudado teologicamente, com os desafios da realidade e os enfoques diferentes de outras disciplinas, alargando o campo de referência e abrindo novos horizontes e perspectivas de reflexão e atuação.

Até hoje o Pe. Libanio continua ensinando regularmente na graduação e na pós-graduação da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, o antigo ISI

(Instituto Santo Inácio), de Belo Horizonte, orientando com competência os estudantes de teologia em sua graduação e nas indagações mais exigentes de suas teses de mestrado e doutorado.

Fruto deste seu labor que se volta criticamente sobre si mesmo, debruçando-se sobre a própria tarefa e a arte de educar e de formar, são algumas publicações de Libanio, preciosas para formadores e educandos. No “A arte de formar-se”, Libanio deixa-se guiar pela pergunta: “... qual é a arte de formar-se uma inteligência crítica, bem estruturada, em vez de um armazém entulhado de conhecimentos? Como aprender a pensar e a conhecer?”⁴ Libanio aponta o que chama de os cinco pilares da formação: “aprender a conhecer e a pensar, aprender a fazer, aprender a conviver com os outros, aprender a ser e aprender a discernir a vontade de Deus”⁵.

Neste opúsculo, Libanio já anuncia uma obra mais alentada, na mesma direção, e que acaba de ser editada pela Loyola: “Introdução à vida intelectual”⁶. Retoma de certo modo o ambicioso projeto do tomista Sertillanges, com o seu clássico, “A vida intelectual: espírito, condições, métodos”⁷ Acrescenta, entretanto, ao saber teórico do mestre dominicano, sugestões bem práticas, indicando “o caminho das pedras”, para o iniciante nesta difícil e fascinante aventura do conhecimento. Parte da intuição de fundo que não se estuda só com a inteligência: “É todo o ser humano que se compromete com as lides intelectuais”⁸. Divide seu trabalho em duas partes, dedicando a primeira às atitudes fundamentais da vocação intelectual e a segunda a diversos aspectos da vida de estudo: da reunião de grupo, ao estudo de um tema; da produção de uma monografia aos muitos tipos de leitura e ao ensino acadêmico. Para cada um destes pontos, abundam as sugestões práticas de quem já passou por longo tirocínio e aprendizado, acumulando experiência e sabedoria que são partilhadas generosamente.

O trabalho intelectual que tantas vezes confina a pessoa nos livros e a distancia dos embates quotidianos da vida, não impediu Libanio, de manter uma ativa presença fora do âmbito acadêmico, atuando nos fins de semana no atendimento pastoral na periferia de Belo Horizonte. Tornou-se um interlocutor chave e consultor pastoral na formulação do projeto “Construir a Esperança”, o caminho tomado pela Arquidiocese de Belo Horizonte para enfrentar os desafios humanos e religiosos da grande cidade⁹.

Esta capacidade de articular teologia e pastoral, de costurar pesquisa intelectual e presença ativa junto à realidade e aos grupos atuantes na Igreja e na sociedade fez do Pe. Libanio, uma personagem chave na trajetória da Igreja do Brasil, nos últimos trinta anos, tanto na equipe de reflexão teológica da CRB, nas assessorias ao INP (Instituto Nacional de Pastoral), na criação e consolidação da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião) da qual foi o primeiro presidente. Seus incontáveis livros e artigos espelham esta solicitude e cuidado, tanto no ensino quanto na assessoria aos mais variados grupos, movimentos e pastorais da Igreja do Brasil.

Queremos, porém, explorar apenas uma destas assessorias, por considerá-la crucial, a que vem dispensando às Comunidades Eclesiais de Base e aos seus Intereclesiais.

---

⁴ LIBANIO, João Batista, *A arte de formar-se*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 13

⁵ *ibidem*, p. 13

⁶ LIBANIO, João Batista. *Introdução à vida intelectual*. São Paulo: Loyola, 2001

⁷ SERTILLANGES, A. D. *A vida intelectual: espírito, condições, métodos*. São Paulo: Saraiva, 1940.

⁸ LIBANIO, *Introdução*, p. 17.

⁹ LIBANIO, João Batista, Projeto Pastoral: Construir a Esperança – A Arquidiocese de Belo Horizonte em Movimento, in BEOZZO, José Oscar (org.), *Curso de Verão – Ano VIII*. São Paulo: Paulus, 1994, pp. 148-156. Cfr. ainda sobre o mesmo tema: LIBÂNIO, João Batista, Projeto pastoral - Construir a Esperança. *PERSPECTIVA TEOLÓGICA*, 24 (62): 77-94, 1992; Rosto da Igreja de Belo Horizonte, a partir do projeto construir a esperança. *PERSPECTIVA TEOLÓGICA*, 24 (63): 237-246, 1992; A Igreja e sua capacidade de satisfazer às demandas religiosas - Projeto Construir a Esperança. *PERSPECTIVA TEOLÓGICA*, 24 (64): 367-374, 1992; A Igreja na cidade. *PERSPECTIVA TEOLÓGICA*, 28 (74): 11-43, 1996. Num texto mais abrangente e aprofundado, Libanio oferece uma reflexão original sobre o conjunto do fenômeno urbano e suas implicações teológicas e pastorais: *As lógicas da cidade. O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001.

As CEBs conseguiram um feito notável no nosso país: questionar os quadros mentais e os pressupostos teológicos de nossos melhores cientistas sociais, biblistas, teólogos e teólogas, obrigando sua reflexão a passar pelo chão sofrido da vida dos pobres, pela irradiante e perseverante alegria de sua experiência pascal, pelo crivo da pertinência em relação às suas necessidades, lutas e aspirações e seu projeto de libertação. As CEBs conquistaram-nos para uma entranhada fidelidade à caminhada da igreja, povo de Deus, que só os pequenos possuem, pois a eles foi revelado pelo Pai, o que foi ocultado aos sábios e inteligentes (Mt 11, 25). Por outro lado, as CEBs puderam contar, ao longo de sua caminhada, com três apoios decisivos: em primeiro lugar, com a presença comprometida e gratuita de agentes de pastoral, em boa parte religiosas que deixaram o ensino em colégios de prestígio e se enfurnaram em favelas e bairros afastados; de muitos leigos ou leigas qualificados, tomados de paixão pela construção do reino de Deus e de uma igreja na base, além de sacerdotes muitos deles estrangeiros que abraçaram com entusiasmo, ao lado de seus colegas brasileiros, este projeto de Igreja.

Contaram, em segundo lugar, com o incentivo e apoio de um valoroso grupo de bispos que fizeram das comunidades o caminho privilegiado de “ser igreja” em suas dioceses e prelazias, arrastando devagar toda a CNBB para colocar entre suas prioridades pastorais, as CEBs.

Puderam em terceiro lugar, contar com um acompanhamento bíblico e teológico, social e político de qualidade, por parte de biblistas, teólogos, teólogas, cientistas sociais. Isso deu às CEBs do Brasil uma consistência e solidez, uma tranquilidade para tomar o próprio rumo que lhes faltou em muitos outros países do continente. Em países como Nicarágua, El Salvador, Colômbia e, em maior ou menor grau, em outros as CEBs foram obrigadas a percorrer uma sofrida e contestada caminhada eclesial, acusadas de serem igreja “popular”, emprestando-se ao termo uma conotação pejorativa e não positiva ou de constituírem uma igreja “paralela”, oposta à igreja oficial.

Foi no contato com as comunidades de base convocadas por Dom Luis Fernandes e pelo arcebispo Dom João Batista Motta e Albuquerque, que se reuniram para seus dois primeiros intereclesiais (1975 e 1976), em Vitória no Espírito Santo, que Leonardo Boff, forjou o neologismo “Eclesiogênese¹⁰” para dar conta, teologicamente, da novidade que emergia da experiência das CEBs ou que Frei Carlos Mesters escreveu o não menos admirável texto “O futuro do nosso passado: o que deve ser tem força”¹¹ e, no ano seguinte, “Flor sem defesa – Ler o Evangelho na Vida¹²”, para captar o novo da leitura bíblica orante e atuante que acontecia no seio das CEBs.

Libanio foi um dos teólogos que analisaram os relatórios vindos de duas dezenas de comunidades de vários pontos do país, para o primeiro Intereclesial. Na sua conclusão, entre a consciência das ameaças que pesavam sobre o futuro das CEBs, sua conclusão era cautelosamente otimista: “Assim pudemos ver como esta experiência da CEB está encontrando, no meio de muita adversidade, cidadania na nossa vida eclesial. E fica-nos sempre a esperança de que surja uma verdadeira Igreja bem próxima ao povo simples e marginalizado, ajudando-o no seu movimento e processo de libertação”¹³.

Três anos depois captava bem o sentido da reflexão teológica ligada ao caminhar das comunidades: “Creio que os melhores trabalhos que se produziram sobre eclesiologia e sobre o uso da Bíblia pelo povo... vieram destes encontros (...) Os artigos que saíram em 75 e 76 e depois em

---

¹⁰ BOFF, Leonardo, Eclesiogênese: as comunidades eclesiais de base re-inventam a Igreja, em *SEDOC* 9, out 1976, col. 394-438. No encontro anterior, Boff havia escrito uma primeira reflexão: As eclesiologias presentes nas comunidades eclesiais de base, em *SEDOC* 7 (1974/5) col. 1191-1197. Veja também sua reflexão por ocasião do III Intereclesial: Características da Igreja encarnada nas classes subalternas – Notas teológicas da Igreja na base, em *SEDOC* 11, jan/fev. 1979, col. 824-842.

¹¹ Vários. *Uma Igreja que nasce do povo*. Petrópolis, Vozes, 1975

¹² MESTERS, Flor sem defesa, em *SEDOC* 9, out. 1976, col. 326-392. Veja também a reflexão de Carlos Mesters que acompanhou o III Intereclesial de João Pessoa (1978): A brisa leve, uma nova leitura da Bíblia, em *SEDOC* 11, jan/fev. 1979, col. 733-765

¹³ LIBANIO, João Batista, Uma comunidade que se redefina, em *SEDOC* 9, out. 1976 [col. 295-326], col. 326.

78, constituem para mim um bloco de trabalho teológico de grande valor. Considero uma das melhores coisas produzidas na teologia do Brasil a respeito de eclesiologia na perspectiva da Teologia da Libertação e muito ligada aos movimentos populares”¹⁴.

Ao longo da caminhada das CEBs, Libanio prestou precioso serviço, produzindo a cada Intereclesial uma crônica atenta do evento em que a narrativa era acompanhada de uma reflexão crítica que desembocava sempre nas implicações teológicas, litúrgicas, eclesiológicas, pastorais e de compromisso da fé no campo social e político que se encontravam entremeadas às celebrações, cantos, relatórios de grupos e plenários e manifestações espontâneas dos participantes.

Ao final do encontro de João Pessoa, ele assim se expressava:

“A festa das comunidades eclesiais de base aconteceu de novo. João Pessoa foi o palco. O III Encontro Intereclesial reuniu representantes de 53 comunidades de base vindas de 46 igrejas locais diferentes. Apagam-se as luzes e os peritos recolhidos em seus lugares de estudo defrontam-se com o fato acontecido. Cada um procura responder à pergunta que aparecia em todos os rostos e que faz tempo vem preocupando os engajados nesta aventura de igrejas populares como os receosos dela. Que significa teológica e eclesialmente tal evento? De que caminhada, é o resultado? De que realidade é sinal? De que trajetória é a seta?”¹⁵

Resume sua experiência de João Pessoa, num sentimento de esperança e alegria, ao ver as CEBs resgatando sua memória, redigindo ainda que canhestramente seu cotidiano e sua trajetória: “E assim, pouco a pouco, estaremos percebendo que nos é dado viver numa Igreja, onde a força do Espírito faz surgir, da sabedoria pobre dos fracos, discursos de fé, de esperança e de amor, como apelativos de conversão a todos nós”¹⁶.

Do IV Encontro Intereclesial de 1981, em Itaici, Libanio deixa-nos um dos poucos relatos do que foi vivido, de maneira por vezes tensa, naqueles dias que coroaram uma caminhada tumultuada para se lograr sua realização. Referindo-se à sua preparação, escreve: “Não foi sem peripécias. Alguém a comparou com o filho da viúva de Naim. Já iam levá-lo para a sepultura, tais eram as dificuldades que surgiram na sua preparação. O Jesus, no caso, foi D. Waldyr¹⁷: “Parem, não o enterrem. É filho de viúva pobre”.

Assumi a preparação e levou-a à frente. Em outro momento diferente, já o Encontro estando a realizar-se, as ameaças eram fortes. De novo, Jesus aparece e não deixa que enterrem esse filho de pobre viúva. Nesse segundo momento, foi D. Aloísio Lorscheider, cardeal arcebispo de Fortaleza. Esta figura corajosa e de limpidez evangélica, acima de toda suspeita, com o peso de sua presença, com o entusiasmo de sua participação e com o compromisso de continuar esses Encontros, assumindo com sua Igreja o próximo, em Fortaleza, desfez equívocos e suspeitas, semeados pela imprensa malévola ou levantados por instâncias reticentes.¹⁸”

Conclui seu relatório, dizendo que “luta e esperança, porque Deus está conosco”, resume bem o vivido em Itaici, naquele momento rico da sociedade brasileira, de explosão dos movimentos sociais, nascimento de novos partidos políticos e sensação de que muita coisa poderia ser mudada na sociedade e na igreja.

Não deixa de fazer também seu apelo em favor das comunidades, face a tantos detratores e malevolência, de modo particular na grande imprensa: “Olhando para essas comunidades que

---

¹⁴ LIBANIO, João Batista, O caminho da teologia. In INSTITUTO Nacional de Pastoral, *Pastoral da Igreja no Brasil nos anos 70*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 192. Citado por TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto, *Os Encontros Intereclesiais de CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 26, nota 26.

¹⁵ LIBANIO, João Batista, Comunidade Eclesial de Base: pletora de discurso?, em *SEDOC* 11, jan/fev. [col. 765-787] 1979, col. 765

¹⁶ *Ibidem*, col. 787

¹⁷ Dom Waldyr Calheiros, bispo de Volta Redonda no Estado do Rio de Janeiro.

¹⁸ LIBANIO, João Batista, O IV Encontro Intereclesial na interpretação de um teólogo, em *SEDOC* 14, set. 1981, [col. 140-165], col. 141

fervilham pelo país em verdadeiro pentecostes eclesial e que se veem também em perseguidas, caluniadas, criticadas, machucadas por pessoas de dentro e fora da Igreja, vem-me à mente o dito sábio do velho Gamaliel: “Homens de Israel, cuidai-vos bem do que ides fazer a esse pessoal... Pois se seu empreendimento e sua obra vem dos homens, ela se destruirá por si mesma; mas se ela vem verdadeiramente de Deus, não conseguireis destruí-la”. E termina com terrível admoestação: “Não arrisqueis de encontrar-vos em guerra contra Deus” (At. 5, 35-38 ss). Naquele tempo, o Sinédrio foi sábio e seguiu-lhe o parecer. E hoje? ¹⁹ Deste tenso IV Intereclesial Libanio publicou ainda na REB, uma primorosa reflexão junto com sua crônica²⁰.

Nos intereclesiais seguintes, enquanto Frei Betto, um dos seus principais animadores e assessores, desde o início, se ocupava em colaborar na montagem da metodologia e das dinâmicas de encontros cada vez mais numerosos e complexos e, em seguida do relacionamento, nem sempre fácil com a imprensa, Libanio foi assumindo a responsabilidade de acompanhar os assessores, de coordenar suas reuniões diárias, distribuir as tarefas e estimula-los a escrever suas reflexões para uma edição especial da REB, após o Intereclesial. Com isto ganharam as CEBs e a Igreja do Brasil.

Foi também um dos assessores teológicos indicados pelas CEBs para participar, em seu nome, junto com um representante de cada regional, no delicado diálogo entre representantes das comunidades, assessores e a CNBB, representada pela presidência e pelos bispos cujas igrejas já haviam acolhido algum dos intereclesiais²¹. Sua competência e firmeza ajudaram a colocar, desde o início, o pano de fundo a partir do qual se poderiam discutir, depois do Intereclesial de Santa Maria (1992), algumas das dificuldades e questões que de parte a parte, ameaçavam toldar a boa compreensão entre as CEBs e seus pastores. Esse pano de fundo era a sólida eclesialidade das CEBs, na sua vida quotidiana de oração e compromisso, de espiritualidade contemplativa e militante, de exercício de uma ampla gama de ministérios, de vida sacramental e de profunda comunhão com seus pastores.

Concluindo este testemunho acerca do mestre e amigo, Libanio, gostaria de sugerir que se recolhessem num livro, todas essas crônicas dos Intereclesiais dispersas no SEDOC e na REB, como preciosa contribuição não só para a memória das CEBs, mas para acompanhar teológica e pastoralmente, sua complexa caminhada, nas relações com a sociedade e outros setores da Igreja: teólogos e bispos, pastorais e movimentos²².

Que Libanio continue ainda por muitos anos, colocando sua privilegiada inteligência e aguda percepção das mudanças na sociedade e na Igreja a serviço do crescimento das pessoas e das comunidades, na inteligência da fé, no amadurecimento do seu compromisso eclesial e do seu testemunho cristão na transformação da sociedade, em favor dos pobres e de sua luta por justiça, dignidade e prazerosa alegria de viver e celebrar.

---

¹⁹ *ibidem*, col. 161-162

²⁰ LIBANIO, João Batista, Igreja, povo oprimido que se organiza para a libertação. *REB* 41 (162): 273-311, 1981

²¹ A Ata do 1º Encontro da Comissão de Diálogo CEBs-CNBB, realizado em Brasília, de 24 a 25 de junho de 1994 e do qual participou Libanio, como assessor, encontra-se publicada em TEIXEIRA Faustino, *o.cit.* pp. 215-220, assim como a Ata do 2º Encontro (03 a 06 de abril de 1995), às pp. 221-230.

²² LIBANIO, João Batista. CEBs: Igreja em busca da terra prometida. *REB* 46 (183): 498-499, 1986; VII Encontro Intereclesial das CEBs: povo de Deus na América Latina a caminho da libertação – O evento. *REB* 49 (195): 515-534, 1989; VIII Encontro Intereclesial das CEBs (eventos no evento). *REB*, 52 (208): 789-800; O IX Intereclesial de CEBs. *REB* 57 (228): 787-810, 1997; O X Intereclesial de CEBs – Leitura Teológica. *REB* 60 (239): 540-556, 2000. Excepcionalmente, a crônica do V Encontro foi escrita por BOFF, Clodovis. Crônica Teológica do V Encontro Intereclesial de Comunidades de Base. *REB* 43 (171): 471-493, 1983.